

CEP – CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

Curso de Formação em Psicanálise

Ciclo II – 3ª Noite

**Da necessidade ao desejo**

Nathália Miyuki Yamasaki

2013

Ao longo do ano, após iniciar o curso de formação, em vários momentos pude refletir sobre a minha prática clínica cotidiana, em um CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência). E, com esse trabalho, tento me permitir a tentar pela escrita iniciar a construção de um pensamento clínico psicanalítico, que alie a prática à teoria; e tento também me autorizar a poder escrever do que vejo há algum tempo no cotidiano da minha clínica e que agora a Psicanálise vem para oferecer uma ligação, um clareamento e um embasamento diante de alguns manejos que eu acreditava que se operavam por “intuição”, “achismos” e conceitos fragmentados. Diante do exposto, faço o esforço para me autorizar a escrever de um caso atendido, a partir de um recorte, tanto da clínica como de algumas teorias psicanalíticas.

Atualmente trabalho em um serviço público de saúde mental infantil (CAPSi), que atende principalmente crianças e adolescentes com “transtornos mentais graves”, segundo a definição da instituição. Prefiro dizer que atendemos crianças e adolescentes em uma situação grave de sofrimento psíquico, sofrimento esse que acaba repercutindo na forma com que esses pacientes se relacionam e na forma como se estabelece a vida social de cada um deles – o que principalmente acaba me mostrando como tem se dado (ou não) a subjetividade de cada um e o quanto isso repercute, nos mais diferentes âmbitos da vida.

O recorte que farei é de parte dos atendimentos de João, 16 anos, autista, atendido há dois anos na instituição.

Antes de entrar na descrição e análise do caso, propriamente ditas, preferi primeiramente contextualizar alguns conceitos e clarear um pouco

nesse texto a partir de quais linhas teóricas fui encontrando pontos de articulação com a minha prática cotidiana.

O autismo, segundo o DSM – IV é caracterizado como: “um transtorno global do desenvolvimento caracterizado por: a) um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes da idade de três anos, e b) apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo: fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises de birra ou agressividade”.

Prefiro não me orientar pela classificação do DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) por acreditar que tal classificação não considera o sujeito em questão e sim os seus comportamentos (quase que independente de quem seja), sem ao menos levar em consideração o contexto e a subjetividade envolvidos. Dessa forma, penso que diante da classificação de autismo feita pelo DSM-IV, pouco consigo ver o que há de singular em cada caso, além de um único “F84”.

Prefiro me orientar mais pelo direcionamento psicanalítico que considera o autismo como a “não instauração de um certo número de estruturas psíquicas” (LAZNIK, 2013). Tomo como a mais fundante de todas as estruturas psíquicas do aparelho psíquico: a subjetividade. Acredito que é a partir dela que as outras estruturas psíquicas vão se desenvolvendo. Entretanto, no autista parece ainda não se fazer aparecer um sujeito; decerto houve uma falha no processo de constituição da subjetividade. Tudo parece estar muito difuso e sem contorno, desintegrado. Penso que há uma recepção

desenfreada de estímulos, uma mistura em que não há um limite entre o “eu” e o mundo externo.

Quando falamos na aparição do sujeito, faz-se necessário poder entender como esse sujeito “aparece”. Jerusalinsky, em uma entrevista publicada no dia 29/04/2013, nos diz que “o sujeito não nasce, se faz”. Nascemos com um corpo, com os reflexos e com ações involuntárias. Na medida, que nosso desenvolvimento se dá vai havendo a maturação do sistema nervoso central, mas isso não é suficiente para que haja também um desenvolvimento psíquico. O desenvolvimento motor e cognitivo vai ganhando significado e sentido, se houver também um desenvolvimento psíquico – é esse último que vai permitir que todo o resto possa entrar numa cadeia de significações e penso que é esse que vai permitir que possamos nos diferenciar dos outros, “inventar” nossa singularidade.

Ao nascer a criança não consegue se olhar como um corpo integrado, uma unidade; o que há são fragmentos e uma falta de coordenação motora, que não se constituem ainda como um corpo. Como a criança ainda não consegue “se ver”, é necessário que alguém o faça. A função do estágio do espelho é de “estabelecer uma relação do organismo com a realidade” (LACAN, 1998). A antecipação, numa imagem, da maturação da potência da criança somente é possível ser dada a partir de uma exterioridade (que no caso seria o Outro<sup>1</sup>). E é o Outro que afirmará a imagem de um corpo unificado. Segundo Lacan, essa imagem que será constituinte para a matriz simbólica do sujeito (que penso ser a equivalente ao eu-ideal de Freud), também será a base para as identificações posteriores da criança e sua entrada na linguagem.

---

1. O Outro primordial de Lacan, como representante do campo simbólico. Aquele que vai inserir a criança na linguagem.

É no Outro que ela tem a confirmação que precisa para esse advir do sujeito. A metáfora do espelho, então, parece explicar que para a constituição do sujeito faz se essencial a ilusão antecipatória da mãe que vê a imagem do bebê integrado (aquela que ainda não está lá), para que então esse possa se constituir como um sujeito. Em outras palavras, diria que é a mãe poder ver algo além do real que se impõe, conseguindo ver algo além daquele que apenas come, dorme e chora. Ela poder significar alguns atos do seu filho (mesmo que esses ainda sejam reflexos ou inintencionais), como algo além da busca pela satisfação das necessidades vitais.

Um bebê não necessita apenas de cuidados referentes às suas necessidades vitais e biológicas. Freud, em Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), coloca como um dos pilares da Psicanálise: a sexualidade, sendo essa um aspecto estruturante da vida de um sujeito. É a partir da sexualidade que o sujeito sai do campo puramente biológico para dar entrada no campo de significações. Ao falar das primeiras experiências infantis Freud diz que as mesmas deixaram “os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo nosso desenvolvimento posterior”.

A criança não nasce sabendo integrar os estímulos, sensações e ações que recebe, sente e executa. Não sabe que não é apenas um organismo, necessita que um Outro lhe diga isso, necessita que um Outro suponha isso. Ela precisa de um Outro que suponha uma integração onde não há, que lhe dê sentido e contorno ao turbilhão de estímulos, com os quais é afligida e o mais essencial de tudo em todo esse processo é necessário um Outro que possa supor um sujeito, onde por enquanto apenas há um corpo. A criança, dessa

forma, se faz sujeito pelo Outro, se constituindo assim como um eu. É a partir do olhar do Outro, e somente assim, lhe é possível a criança reconhecer a si mesma e posteriormente aos seus semelhantes.

É a partir do Outro e da sexualidade, que saímos de um campo puramente biológico e entramos num campo de significações. O que isso quer dizer? A criança ao nascer, tem necessidades biológicas, mas é pelo, no e com o Outro que ela consegue ser mais que um corpo, que tem necessidades vitais a serem cumpridas. É a partir do desejo da mãe por ela, que ela consegue ser um sujeito desejante; apenas consegue desejar, se antes alguém a desejou. Daí a importância da criança em suas primeiras experiências ocupar o lugar de falo da mãe, aquele que supostamente vai lhe preencher o que lhe falta.

A partir da reflexão de alguns conceitos citados acima, penso que ao autista faltou, principalmente, esse complemento sexual na relação estéril e orgânica, com o Outro. Parece não ter havido a narcisização do sujeito ou se houve, essa se deu de uma forma bem precária. Como diz LAZNIK (2013), ao pegarmos a palavra auto-erotismo e tirarmos o eros nos damos em face ao autismo.

Mas como se dá essa erogenização? Ou, em outras palavras, como se dá esse narcisismo que se constitui como parte tão estruturante na vida de um sujeito?! E que papel tão importante tem esse Outro?!

Primeiramente, as pulsões parciais sexuais estão apoiadas às pulsões de auto-conservação. O bebê tem uma necessidade de alimento, que primeiramente é satisfeita pela mamada no seio da mãe. Entretanto, inicialmente, apoiada à essa necessidade também está ou deveria estar a busca por uma outra satisfação que não é da ordem da necessidade biológica.

O bebê não apenas necessita do alimento, necessita de algo a mais que o constitua. Esse algo a mais, que se mostra tão importante para o desenvolvimento psíquico do bebê, diz respeito ao componente sexual do desenvolvimento. Para Freud, em Sobre o Narcisismo, Uma introdução (1914), o narcisismo seria o “complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação”. O desenvolvimento dessa nova ação psíquica (o narcisismo) depende um outro, não é a própria criança que o faz. É necessário que haja um Outro, representado pela figura materna, que possa exercer essa função. DUVDOVICH em seu texto sobre o Narcisismo, fala que é a partir do fenômeno de “narcisização do sujeito humano” que é constituída a matriz de toda unidade subjetiva.

Segundo BERNARDINO (2006), tão logo a criança nasça (ou mesmo antes do nascimento) é importante que o bebê possa estar no lugar do falo de sua mãe, podendo supostamente preencher o que antes faltava a essa mãe, decorrente do complexo de castração que essa passou. A partir desse lugar de falo, assumido pela criança, a partir do olhar da mãe, que é possível a essa mãe erogenizar seu filho. Em outras palavras, seria essa a fase de narcisização da criança. Seria essa nova ação psíquica que faz com que o sujeito possa emergir. É a partir desse narcisismo primário que se começa a construir as bases de identificação e a construção da subjetividade da criança, esta que dará forma às suas relações posteriores.

Freud (1905) diz que quando uma mãe ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo seu dever. Afinal é, segundo ele, a partir disso que a criança poderá se tornar um ser humano capaz, dotado assim de necessidades

sexuais, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo que os seres humanos são impelidos a realizar a partir da pulsão.

Segundo KUPFER (1999), o autismo seria “a consequência da falha no estabelecimento da relação com o Outro”. Concordo que, independente da gênese dessa falha (quer seja porque a mãe não respondeu à criança, a partir de uma posição que deveria ocupar – a do Outro primordial- ou se ativamente não houve uma busca da criança por esse Outro), a não instauração da subjetividade no autista está intimamente relacionada com a falha nessa relação primordial.

LAZNIK, em a Voz da Sereia, fala que no autista é possível reconhecer algumas expressões clínicas da falha na instauração de tão importantes estruturas psíquicas, sendo a primeira delas o não-olhar entre o bebê e sua mãe (principalmente, quando a mãe não se apercebe disso) e a segunda uma falha no circuito pulsional.

Quanto ao não-olhar da mãe-bebê recorro mais uma vez à LAZNIK. No evento desse ano, O que o bebê ensina ao psicanalista? LAZNIK falou do atendimento de uma mãe e de um filho, que tinha sinais de risco para o autismo, entre os quais apontava o não-olhar entre os dois. Disse que, há um tempo, havia largado a hipótese de que as crianças se tornavam autistas apenas por uma dificuldade provinda da mãe em se relacionar com o filho. Disse que, para algumas mães, é muito difícil ter que olhar para o filho que não a olha e não a percebe. E é, por esse motivo, que acabam não olhando para o filho, se envolvendo em qualquer outra atividade - para não ter que se deparar com essa dificuldade. Voltando ao caso que ela levou ao evento, referiu e pontuou à essa mãe que, provavelmente ela não podia olhar para o filho



porque para ela era insuportável ver e constatar que o filho não a olhava.

Quanto ao circuito pulsional, convém antes de falar de sua falha, explicar como se dá o mesmo. O circuito pulsional se daria em três tempos. O primeiro quando o bebê busca o objeto oral, para dele se apoderar (busca pelo seio materno). O segundo seria aquele em que o bebê se auto-estimula eroticamente e o terceiro aquele em que há a satisfação pulsional, na qual a criança se fará objeto desse novo sujeito (essa capacidade de se alienar ao Gozo do Outro). Entretanto, LAZNIK diz que só é possível que haja o auto-erotismo (correspondente ao segundo tempo do circuito pulsional) caso haja o terceiro tempo. Só é possível que a criança se auto-erotize se houver um Outro, que erotizou essa relação. Freud, em *As pulsões e suas vicissitudes*, quando fala da escopofilia e do exibicionismo parece introduzir os três tempos do circuito pulsional. Nesse texto, Freud distingue as fases do processo escopofílico-exibicionista em três fases:

- (a) olhar como uma atividade dirigida à um objeto estranho
- (b) o desistir do objeto e dirigir o instinto escopofílico para uma parte do próprio corpo do sujeito, a fim de ser olhada
- (c) introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele

Acredito que com a criança é o que se espera que aconteça. Ela poder olhar para o outro, depois poder se auto-erotizar e por fim, poder se alienar para satisfazer o Outro, mas também à si mesma. Segundo LAZNIK, o terceiro tempo do circuito pulsional apenas apresenta uma aparente passividade da criança, ao se deixar ser objeto do Gozo do Outro, há com isso uma satisfação pulsional da criança.

---

Portanto, ao autista, podemos reconhecer como principais expressões clínicas da não-instauração da subjetividade: esse não-olhar e uma falha do circuito pulsional.

Posto essas ideias, que ainda acredito serem muito incipientes, e ainda me parecem muito “soltas”, tento aproximá-las da minha prática em um serviço de saúde mental. Tal discussão despertou meu interesse, visto que muitos dos conceitos que foram tocados nas aulas, nos eventos, nas discussões vinham de encontro com o que eu via no meu cotidiano.

*O recorte que faço é de alguns atendimentos de um adolescente, atendido em um serviço público de Saúde Mental Infantil. Esse menino, o qual chamarei de João tem 16 anos, e foi diagnosticado como autista.*

*Filho único do mesmo pai e da mesma mãe, mas último filho tanto por parte de mãe como por parte de pai, que tiveram filhos dos primeiros casamentos. Moram apenas os três na casa e atualmente, é a apenas a mãe que provê os cuidados do filho, sendo a função do pai ser apenas o provedor financeiro da família. Esses cuidados, inicialmente, diziam respeito apenas às suas necessidades vitais. Mas, aos poucos tem se mostrado à mãe que, esses dizem muito mais respeito à um cuidado afetivo, com todo o investimento libidinal que esse necessita.*

*João é um adolescente que quando iniciaram-se os atendimentos apresentava uma exagerada impulsividade e uma agressividade exacerbada, e que apresentava necessidades que pareciam ter que ser satisfeitas imediatamente. João queria comer, gritava, chorava, quebrava até ser satisfeito; queria ir embora, chorava, gritava, quebrava até o levarem embora.*

*Diria que nele não parecia haver nenhum sentido o princípio da realidade, como se operasse exclusivamente pelo princípio do prazer. Parecia ter que descarregar toda tensão acumulada dentro de si, desfazer imediatamente o desprazer. Em pulsão e suas vicissitudes, Freud(1915) fala desse eu-prazer que é diferente do eu-realidade, esse eu-prazer parece apenas conseguir considerar o prazer, estando este acima de todas as coisas. Ao mesmo tempo que o eu coincide com o prazer, o mundo externo parece coincidir com o desprazer.*

*Todos até então reagiam à esses excessos de João, o satisfazendo de maneira imediata, afinal não havia quase ninguém que suportava seus choros, seus excessos e seus transbordamentos. João é um adolescente grande, obeso, dando-nos a impressão de estarmos diante de um ogro dos contos infantis e isso também colaborava para o medo que as pessoas tinham em poder “encará—lo” e considerá-lo como alguém que podia ir além de suas necessidades biológicas e mais que isso, poder bancar que ele era capaz de esperar para que as suas necessidades fossem satisfeitas. Poder supor, inclusive, que não era apenas fome que sentia e por isso não era apenas de alimento que carecia; falando de outra forma que não era apenas cuidar de suas necessidades biológicas e que havia algo a mais envolvido nesse processo.*

*Uma fala apresentada, em vários momentos, pela mãe é que “João sempre quebra tudo e destrói as coisas, ele é assim” sic. Essa fala me chamou atenção, primeiramente pela sua recorrência e depois porque diz de como a mãe olha para João. Não há nem sequer uma queixa configurada, pareceu ser da ordem do que já foi estabelecido. “Ele é assim...” - como se estivesse*

*embutido nesse jeito de dizer: “ele é assim não temos mais o que fazer”. Não consegui identificar o que começou primeiro, se ele é assim porque a mãe o olha dessa forma, ou se a mãe o olha dessa forma, porque ele é assim. O que penso ser relevante apontar é que acredito que a (não) constituição de sua subjetividade está intimamente relacionada com alguma falha que nessa relação primordial, com sua mãe. Na fixação desse olhar, que não olha. Ou melhor, esse olhar que vê partes, que vê o que é da ordem do orgânico, mas pouco vê o que há de humano nesse filho. Que ainda o vê no Real e pouco conseguiu ver e suportar uma integração.*

*Ao começar a ser atendido, João pouco suportava o contato com as outras pessoas. Logo mostrava que queria ir embora para a sua casa. O outro não parecia se constituir como Outro; para ele, parecia que todas as pessoas eram como instrumentos para conseguir o que se pretendia – descarregar seu desprazer.*

*Antes João rasgava suas roupas, quebrava as coisas, pareciam serem esses comportamentos, retratos de sua própria desintegração. Na medida, que fomos trabalhando com ele sua integração como um sujeito e que ele poderia construir coisas com esses pedaços (referíamos-nos aos pedaços que ele fazia das coisas e aos pedaços dele mesmo) e que esses podiam fazer parte de um todo, ele não tem mais rasgado suas roupas e pouco tem quebrado coisas. Inclusive, um certo dia, a mãe referiu que ao ser chamado para vir ao atendimento, João quis pegar uma bolsa que ele mesmo havia feito com pedaços de roupas que havia rasgado, para que nós a víssemos. Essa bolsa e esse ato ganhou, a partir do olhar da mãe, um significado: “ele quis trazer para vocês verem” disse ela. Essa mãe também tem conseguido enxergar mais seu*

*filho, para além de alguém que quebra e que está “quebrado” apenas. Tem conseguido supor algumas coisas por ele e pensar em perspectivas e expectativas para com ele. A mãe que antes apenas conseguia vê-lo pelo aspecto orgânico, começou a trazer para os atendimentos alguns outros significados para o que ele fazia.*

*Atualmente, quando João quebra e agride parece o fazer de forma a chamar atenção do outro. Faz e olha para o outro. Faz o que se espera dele (pensando que parece ser essa a posição que ainda ocupa no discurso dessa família), mas agora sem parecer estar tão alheio ao que o cerca - parece esperar a reação do outro. João tem o costume de querer tocar os outros, e também de cuspir nas pessoas; entretanto, parece fazer tais coisas não mais como apenas descarga de desprazer, hoje isso parece estar configurado como uma provocação. Por mais absurdo que isso possa aparecer, penso que a provocação é um passo mais elaborado da relação dele com os outros. Para que provoque é necessário que reconheça o outro, para que agrida ao outro e não a si mesmo é necessário minimamente haver algo que separa o “Eu” do “Outro” - parece essa provocação ser uma forma de contato, um pouco subversiva, mas ainda assim contato. O grande desafio agora talvez seja ampliar essa cadeia de significações dele e pra ele, que conseqüentemente ampliará seu campo relacional, sem que para isso tenha que ser de um modo tão agressivo e que afasta a maioria das pessoas.*

*Penso que a intervenção clínica, nesse e em tantos outros casos, seja na aparição do sujeito; desse ser que ainda não conseguiu se constituir como um sujeito humano. Supor um sujeito nele (e em tantos outros) e emprestar à(s) mãe(s) esse olhar, esse desejo. Para que depois, ela(s) mesma(s)*

*consiga(m) olhar para o(s) filho(s) de uma forma mais integrada, mais humana e poder investir nessa relação. E, com isso, acredito que o João e outros tantos Joãos, Pedros, e Marias poderão também se identificarem como uma unidade e como sujeitos, onde não se operam somente necessidades biológicas, mas que acima de tudo, eles possam se constituir como sujeitos de desejos próprios.*

---

## **BIBLIOGRAFIA**

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BERNARDINO, L.M.F. *A abordagem psicanalítica do desenvolvimento infantil e suas vicissitudes*. In: BERNARDINO, L.M.F. (org.) O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição. São Paulo: Escuta, 2006.

FREUD, S. (1914). *Sobre o Narcisismo, uma introdução* In: FREUD, S. Edição Standard das Obras Psicológicas de S. Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. In: FREUD, S. Edição Standard das Obras Psicológicas de S. Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: FREUD, S. Edição Standard das Obras Psicológicas de S. Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

JERUSALINSKY, A. *Sobre o trabalho do Centro Lydia Coriat: Depoimento* [29/04/2013]. Entrevista concedida à <http://psicanaliseautismoesaudepublica.wordpress.com>.

KUPFER, M.C. *Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos*. Estilos da Clínica. Instituto da Psicologia da Universidade de São Paulo, 4(7), 1999.

LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

LAZNIK, M.C. *O que o bebê ensina ao psicanalista?* Teatro Eva Herz, 2013

LAZNIK, M.C. *Poderíamos pensar numa prevenção da síndrome autística?* In: A voz da sereia. Salvador: Ágalma, 2013.

LAZNIK, M.C. *Os efeitos da palavra sobre o olhar dos pais, fundador do corpo da criança*. In: A voz da sereia. Salvador: Ágalma, 2013.